

SILVA FREIRE

CADERNO

4

DE CULTURA  
(POEMAS)

— rio = equilíbrio

— a estrada

— aos ideólogos da transpantaneira

— aos mateiros da cuiabá = satarém

- a canoa coisifica a respiração da madeira  
(alimento do aviso)
- o canto  
(beira-chão-barranco)  
responde no toque-atabaque  
o traço-truque-do leque  
membrana d'água
- a canoa circunscreve a escrita  
que irrita  
tato-peixe
- da colher do remo  
pinga o desenvolvimento  
do curso inventado
- a canoa trabalha a função do reflexo  
canoa remo  
remoer do homem  
canoeiro  
canoeirar o rio-equilíbrio
- o sulco ferido  
(feriado)  
gruda  
a negritude do aquaremo
- balanço que bate embalo  
pla  
plaque  
pla  
sono-módulo prisão-no-porto  
ou morto
- a canoa concebe  
bôca que inventa o vento  
tempo que a fome urra  
riso que o peixe isca  
abrangência de mormaço
- a canoa incorpora  
intuir a chuva  
carne-viva vida-nova  
viva-vida  
pôse do embarque  
tensão do embarcado  
iôdo do lôdo  
lôbo
- o remeiro imanta o pranto  
no canto  
que canta  
a queda do peixe  
limpo limbo  
lama limo  
lima-que-lima  
a invenção da canoa
- a canoa insere no assento  
o nôjo do rio
- a canoa percebe  
fiscalidade da pesca  
seriação do engano  
concretude do espanto
- a canoa investe o lucro  
na transparência da sombra  
interior do sem-mêdo  
eventual da paisagem  
no corte que a linha quebra
- a canoa enfeita  
hirto ôlho vela velório  
boi-afôgo  
boiafogado barriga d'água
- a canoa escritura  
a faca da curva  
leva-e-lufada  
remoinho que o rio incesta
- a canoa desperta  
esmalte da escama  
fundição da faca  
dependência do anzol  
o pêso que a poita aponta
- noturno  
a canoa soletra  
o enrêdo da pesca

a  
e  
s  
t  
r  
a  
d  
a

a estrada insinua seu destino-ponte

pisando o dia  
batizando a viagem  
fazendo a terra  
bebendo o arco-íris

a mata arreia as orelhas

— num ouvir-de-fricção-de-pedras  
momento e poeira  
conteúdo e gente

a estrada inventa

— canal de umidade  
sintonia plumária  
aflicção do som, sêco  
ventilação de espaços

— o verde amacia no ventre o azul das lonjuras serranas  
(interior da maneira de ser)

caminho:

— gume que afina o frio  
— risco que fere o vento

beira-da-mata-beira-d'estrada:

— hálito de viagem  
— guarda-sol-de-chuva  
pingando no cascalho

— o pássaro ilumina seu vôo, pilotando os matizes do verde  
— a mata inventa a serra no remanso do ronco,  
e os nus de seus animais rebrilham no níquel que vôa

— perdido o vôo, a estrada é alívio do rumo

encontro:

verde-tela-telúrico  
terra-telhado-verde-viário

— ponto pacífico  
o ponto de impacto:  
na estrada  
mata

— na mata  
aterra o verde  
no ponto infinito

— telegrafia no solo

— na razão da estrada viaja o silêncio noturno  
se bolinando na esfregação verde das margens

— a mata anuncia seu sexo, beliscando a geografia da impaciência

simbiose:

— a estrada profissional costura a fisiografia da mata,

— do derma da estrada  
espirra  
o Homem  
de pé!

### DO MESMO AUTOR

- Canção do Amor que te quero - poemas  
1º. Caderno
- Rondon: Silêncio Orgânico de Flôres - poema  
2º. Caderno
- Meu Chão... Pássaro implume - poema  
3º. Caderno
- A Estrada, e outro poema - 4º. Caderno

### A PUBLICAR

- Cuiabá, Cuiabaninha - poema-reportagem
- Jápa, e outros contos regionais - prosa
- Canção proibida - poemas
- Poema em pôse de pedra - poemas
- Paisagem além do Homem - crônicas

### P O R Q U E ?

CORUMBÁ, legendária, tem recebido o apláuso cuiabano que mais a conscientiza de sua importância no relêvo da Pátria. Hoje, CORUMBÁ, a poetisa do pantanal, quer apenas aplaudir. E o faz com a consciência crítica de seus filhos, sensíveis às criações de arte autêntica. Daí, a iniciativa desta publicação especial do CADERNO 4 DE CULTURA, de autoria do intelectual irmão, filho cuiabano, Silva Freire. Poeta de vanguarda e prosador aplaudido, Silva Freire tem sido, por assim dizer, um oásis humano a gizar constantemente a presença audaciosa da inovação estética e conteudística nas letras matogrossenses. Êsses poemas, «Rio-Equilibrio» e «A Estrada», entre outros de sua lavra, falam demais de perto ao espírito cívico e cultural do Povo Corumbaense. Eis o **porquê** de reivindicarmos esta publicação pelas mãos artífices da Cidade Branca, em homenagem à heróica Cidade Verde, no momento histórico de gestação da **Transpantaneira**, e início da **Cuiabá - Santarém!**

Corumbá, Maio de 1.971

*BRENO BEZERRA*